
Uma Viagem Envolvente ao Coração do Norte e Nordeste: o Batidão da Pablló numa Perspectiva da Crítica Musical Nacional e Estrangeira¹

Thiago Vinicius CHAVES²

Alan MANGABEIRA³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

A crítica musical interpreta questões técnicas e estéticas das obras, através dos profissionais que a exercem, considerados “detetives socioculturais”, que ajudam a guiar a percepção do público e a influenciar análises e recomendações. Este trabalho foca na análise do álbum “Batidão Tropical”, da *drag queen* nordestina Pablló Vittar, considerando a perspectiva de críticas de circulação nacional e estrangeira. Para isso, exploraremos o contexto da cultura pop global, abordando a indústria do entretenimento, além da representação LGBTQUIAPN+ da Pablló, incorporando ritmos populares brasileiros da sua obra, como o forró, o brega e o tecnobrega, presentes majoritariamente nas periferias do Norte e Nordeste brasileiro, além de uma análise comparativa entre críticas nacionais e internacionais do álbum.

Palavras-chave: música brasileira; cultura pop; drag queen; queer; fandom.

É função da crítica especializada buscar interpretar e pontuar questões técnicas, conceituais e estéticas das obras musicais. Sendo um campo que se encontra em constante transformação, o profissional que a exerce, é levado a ser entendido como um “detetive sociocultural”, em conceito trazido por Milton José Pinto (1999), que desempenha um importante papel na orientação do público, através de análises e outras recomendações que podem influenciar a percepção e a apreciação da música por quem a consome.

Esta pesquisa tem como objetivo principal perceber, através da análise comparativa, como o álbum “Batidão Tropical”, da Pablló Vittar, seu quarto álbum de estúdio, foi analisado na perspectiva de profissionais da crítica musical especializada que circulam no Brasil e nos Estados Unidos, nas primeiras quatro semanas após seu lançamento.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Radialismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante Graduado do Curso de Radialismo da UFPB, e-mail: thiagovinicha@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em comunicação pela UFPE e professor efetivo e coordenador do Curso de Radialismo da UFPB, e-mail: alanmangabeira@gmail.com

Importa aqui explorar as questões estéticas, políticas e sociais que foram colocadas em evidência. Para isso, será contextualizado cada percurso que faz parte da trajetória da artista, o que inclui um debate comunicacional sobre *mainstream* e as engrenagens da indústria do entretenimento, através de autores como Frédéric Martel (2010), Matt Hills (2015), Thiago Soares (2012), Jeder Janotti e Bruno Nogueira (2010), além de Alan Mangabeira (2015), até as indicações de um estudo sobre fãs e *fandoms*, que engajam com essas críticas no consumo do álbum através do conceito de “máquina de guerra afetiva”, adaptando o conceito de Deleuze e Guattari (1997).

O principal elo que conecta esses autores e os tornam relevantes para este trabalho é a pesquisa sobre música no âmbito da comunicação: todos eles fazem análises da cultura contemporânea, e, principalmente, propõem metodologias de pesquisa na área da cultura pop, especialmente através dos trabalhos de Thiago Soares. Como exemplo, os autores Jeder, Bruno e Thiago, seguem o caminho da pesquisa da música e da crítica, tendo como base não apenas a música pop em si, como também a ideia da “máquina de guerra afetiva”, um conceito trazido por Deleuze e Guattari e também abordado por Alan Mangabeira (2017) para pensar a recepção e o engajamento afetivo dos fãs. Já o autor Milton Pinto traz uma abordagem mais ampla, que se aplica ao que ele chama os textos de produtos culturais, levando em conta os processos de produção, circulação e consumo.

Paralelamente, este trabalho também evidencia a cultura do Norte e Nordeste brasileiro, assim como sua visão externa através do som produzido por Pablio Vittar, algo que está enraizado na história da artista e que se materializa principalmente nas músicas do “Batidão Tropical”, lançado em junho de 2021, que alcançou o recorde de 4 milhões de reproduções nas primeiras 24h de lançamento do álbum, colocando o álbum em quinto lugar entre as dez melhores estreias de álbuns da história do Spotify Brasil e em sexto lugar no *Top 10 Global Album Debuts* do Spotify mundial, nos primeiros dias após o lançamento.

Assim, a escolha do “Batidão” como objeto de estudo se dá pela relevância cultural que o álbum carrega, com ritmos brasileiros como o forró, brega e tecnobrega, que tiveram seu auge de sucesso nos anos 2000, popularmente conhecidos nas regiões norte e nordeste do Brasil, mesmo esses ritmos tendo sofrido – e ainda sofrerem – uma considerável marginalização dentro do próprio país.

Também é possível notar que isso é construído de forma coesa por Vittar e seus produtores, para conversar de modo bastante fluido com a base de fãs e pessoas que acompanham e admiram sua arte, sabendo que muitos não conheciam boa parte do material, principalmente aqueles nascidos em outras regiões do Brasil, como Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Isso também a torna uma artista versátil, por conseguir transitar entre diversos estilos que vão além da música pop com traços norte-americanos, além de evidenciar que esses ritmos em questão são tão pop quanto os popularmente conhecidos.

A engrenagem da crítica

Em “Comunicação e Discurso”, de Milton José Pinto, o autor propõe, de modo filosófico, uma análise dos textos – isto é, os produtos – ao que leva a entender que analisar produtos culturais inclui não só observar os processos de produção, como também a circulação e o consumo destes, “como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica ou socialmente” (PINTO, 1999. p. 7).

Assim, vemos a importância de perceber como é entendido o conceito de analisar e criticar produtos culturais de um modo mais amplo, possibilitando enxergar o ato da crítica para produtos como música, cinema, textos e afins. Além disso, o autor propõe que o analista deve ter, como ponto de partida, a leitura da linguagem verbal desses produtos, observando que é na superfície, no início, onde serão encontradas pistas e marcas deixadas pelos processos de produção, isto é, “na mistura de linguagem verbal, imagens e padrões gráficos que o constitui, às práticas socioculturais no interior das quais surgiu e que costumam ser chamadas de contexto.” (PINTO, 1999. p. 8).

Trazendo para a realidade deste artigo, baseado no autor, a “superfície” pode ser entendida pela performatividade do álbum, como as imagens usadas para a divulgação, os clipes e a identidade visual, além da figura da própria Pabllo, que mostra, através do “Batidão”, o seu Brasil para todo o mundo, isto é, suas raízes e suas culturas.

Entendemos, até então, que a crítica, no seu sentido amplo, é a nossa capacidade de emitir um julgamento de valor, ou seja, opinar sobre algo que temos um real

conhecimento, estabelecendo critérios para tal, a fim de posicionar tanto o objeto criticado quanto o próprio crítico.

Focando em crítica voltada à música, ela é, em outras palavras, uma forma de falar sobre essa arte como um olhar mais analítico, combinando a descrição da música com os posicionamentos sociais que um gênero ou as expressões musicais podem proporcionar para quem consome música.

De um modo menos filosófico, em contraponto com Milton Pinto, vemos que os autores Bruno Nogueira e Jeder Janotti fazem uma reflexão, em “Crítica e Jornalismo Musical em Tempos de *Internet*” (2010), sobre a importância da crítica da música estando inserida no contexto atual das novas mídias e das mudanças da indústria. Com isso, observamos que a crítica musical “é uma forma de comunicação híbrida que procura aliar à descrição verbal da música aos posicionamentos sociais e distintivos que os gêneros e as expressões musicais possibilitam aos consumidores de música.” (JANOTTI e NOGUEIRA, 2010, p.02), o que significa dizer que é essencial inserir no debate os novos espaços em que acontecem essas críticas, principalmente os meios digitais, como *blogs*, portais de notícia ou plataformas que tem a música como foco de discussão.

Com o fato de que a *internet* é um importante meio, principalmente se tratando do âmbito estudado aqui, Bruno Nogueira e Jeder Janotti explicam sobre como ela pôde promover a possibilidade de não apenas especialistas tradicionais realizarem as críticas, como também pessoas comuns, e essas “dividirem” o mesmo ambiente de crítica sobre algum produto, como é o caso da plataforma de música Last.fm, que possibilita que pessoas de todo o mundo possam debater, de forma mútua e democrática, sobre os produtos musicais disponíveis, afinal, a crítica deve estar onde a música está.

No entanto, essa democratização que a *internet* proporcionou, abre-se a discussão sobre quem, de fato, é especialista em crítica musical e o que o caracteriza como tal. Porém, em contrapartida, um outro questionamento de maior importância também surge em paralelo, que é a necessidade de repensar o papel da própria crítica, visto que os meios tradicionais já não geram os resultados de antes.

Logo, é entendível que o espaço crítico é formado por profissionais que se debruçam e se comprometem a estudar esses elementos, resultando na capacidade de julgar e emitir uma opinião, de acordo com uma série de critérios que o crítico pode

estabelecer. Para uma compreensão ampla disso, Stockfelt (2006), explica que inúmeras pessoas que se relacionam com as artes podem desenvolver tais percepções, ou seja, uma pessoa que ouve rádio, assiste TV, frequenta cinemas, festas e afins, está sendo forçado, direta ou indiretamente, para se tornar apto a colocar em prática suas percepções musicais.

Cultura pop e *mainstream* enquanto conceito e produto para o *fandom*

Considerando a carreira artística da Pabllo Vittar, torna-se inevitável não a relacionar ao universo da música e da cultura pop, visto que essa é a principal base da sua obra musical. Pabllo, inclusive, tem como uma das suas principais referências a música pop das décadas de 80 e, principalmente, 90 e 2000.

Com a cena pop mundial em constante transformação, nomes como Michael Jackson e Madonna se tornaram referências no show business, conseguindo antecipar a música disco e, dessa forma, criarem o que hoje conhecemos e chamamos de música pop, não à toa que ambos foram reconhecidos como rei e rainha do pop, respectivamente. Em paralelo, no Brasil, a cantora e apresentadora, Xuxa Meneghel, alavancou sua carreira com *hits* de sucesso para o público infantil, mas que a consagrou como uma diva pop mundial.

Em todo o mundo, muitos desses acontecimentos aconteceram em períodos próximos e, em alguns casos, até paralelamente, por ser um período muito intenso de produções musicais. Como nos mostra Frédéric Martel, em “Mainstream” (2021), umas das principais responsáveis pela difusão e popularização de diversos estilos e gêneros musicais foi o canal de música e entretenimento, MTV, ainda na década de 80, dando início, mundialmente, na era dos videoclipes. No Brasil, essa forma de divulgação já tinha começado na década de 70, ainda que em menor alcance, no programa Fantástico.

Com o avanço das tecnologias, principalmente a ascensão da internet, a forma de consumir música foi se moldando e trilhando um caminho que facilitaria o mercado da música, como o YouTube e outros serviços de *streaming* como o Spotify.

Embora tenhamos focado, até aqui, predominantemente na música, se faz necessário ressaltar que a cultura pop vai muito além disso. Em resumo, ela é entendida como um conjunto de produtos populares, começando pela sua abreviação (pop), que

mostra, quase de maneira explícita, para quem ela se direciona – o grande público, a “massa” – e que é produzido dentro dos parâmetros da indústria cultural. Para exemplificar, “estamos falando de telenovelas, filmes produzidos dentro dos padrões de estúdio, artistas ligados a ideário de indústria da música, entre outros” (SOARES, 2012, p. 05).

No entanto, para falar da cultura pop, do mainstream e afins, é importante debater a cultura de fãs e *fandoms*, por estarem entrelaçadas. Como explica Alan Mangabeira e Thiago Soares, em “Estética do Fandom: experiência e performance na música pop” (2015), o “fã” está ligado à “devoção”, mas também à psicopatia, e “fandom” está ligado a formação desses gostos em espaços destinados a um grupo de pessoas.

Dos fóruns online até à ambulância que carrega o corpo desmaiado do fã little monster no show da Lady Gaga, ser fã e pertencer a algum fandom traz estigmas que reforçam estereótipos ao relacionar a figura do consumidor à ideia de alienação (MANGABEIRA e SOARES, 2015, p. 154)

Com isso, entendemos a cultura de fãs como a principal base para discutir o pop enquanto máquina, que por sua vez está vinculada a noção de *mainstream*, já que o próprio trabalha com “engrenagens” da indústria para fazer um produto circular e receber engajamento (criação, distribuição, consumo/fruição, repercussão/impacto e retorno financeiro, mantendo o produto ativo na memória dos fãs mesmo sem algo “novo” lançado).

Trazendo o conceito defendido por Deleuze e Guattari, adaptado por Alan Mangabeira (2017), vemos que para toda máquina existe uma contra-máquina e essa contra-máquina é entendida como uma máquina de guerra afetiva, tendo em vista que também estamos analisando algo que afeta, positiva e negativamente, não só o mercado e o consumo, como também fãs e artistas. Nesse caso, quem gerencia essa máquina é o próprio *fandom*, que é capaz de pilotá-la, uma figura bastante comum, visto as peregrinações – físicas e digitais – e forte engajamento por uma causa: seu ídolo pop.

A partir disso, é possível ter uma melhor noção de cultura de fã. Embora essa guerra seja mais voltada ao embate de ideias afetivas, sendo estimulada pelo afeto, a noção do pop como um maquinário traz situações que podem gerar “percursos”

secundários às delimitações, isto é, a possibilidade de fãs percorrerem caminhos diferentes dos que a indústria já traçou, que são situações que vão desde furar uma fila de um show até a convocação coletiva para um mutirão de “deslike” em algum produto que não foi do agrado da *fanbase*.

O rajadão Pablo e as brasilidades do seu batidão

Foram nas várias noites na Belgrano, uma pequena balada localizada no centro de Uberlândia, com o seu show de versões de músicas de outras artistas e sua única música inédita até então, “Open Bar”, que Pablo começou, de fato, sua carreira como conhecemos atualmente. Embora tenha nascido em São Luís, no Maranhão, e também transitado na cidade de Santa Isabel, no Pará, foi apenas em Minas Gerais que Pablo conseguiu trilhar o caminho da música, ainda quando gravava versões de músicas de divas pop no seu canal do YouTube, Pablo Knowles.

Os anos subsequentes foram marcados pelas suas diversas “eras”, isto é, seus álbuns e *singles* que passeavam por diversos estilos e gêneros da música brasileira e mundial. Em 2017, com traços da música pop, forró, arrocha, funk carioca e eletrônica, Pablo lança seu primeiro álbum, “Vai Passar Mal”, que trouxe as músicas “Indestrutível”, “K.O” e “Corpo Sensual”, colocando-a no caminho para uma carreira consolidada.

Em 2018, lança seu segundo álbum, “Não Para Não”, que “Vittar oferece o que se esperava dela neste segundo álbum: um punhado de hits em potencial fabricados com matéria-prima rítmica vinda sobretudo do Nordeste.” (FERREIRA, Mauro. 2018. G1). Já em 2019, lançou o “111”, seu terceiro álbum, que contou com o *single* “Flash Pose”, com a artista britânica Charli XCX, além da icônica música “Amor de Que” e “Tímida”, com a mexicana Thalía.

Embora os anos seguintes tenham sido marcados pela pandemia da COVID-19, que ocasionou um longo período de distanciamento social, Pablo preparou-se para lançar, em 24 de junho de 2021 – dia de São João, tradicional festa do norte e nordeste – o “Batidão Tropical”, um álbum especial com versões de músicas que estiveram presentes na sua infância e adolescência quando morou no interior do Maranhão e no Pará, respectivamente, e músicas inéditas. Dessa forma, o álbum seria uma forma de

não apenas mostrar, como também exaltar, suas raízes, com ritmos que vão de Calypso e Tecnobrega ao Forró. Assim, é possível destacar “Ama Sofre Chora”, “Triste com T” e “Bang Bang”, que foram o primeiro, o segundo e terceiro single, respectivamente, sendo a última uma versão da banda Companhia do Calypso, além de “Zap Zum”, que também é uma versão de Companhia. Ao ser lançado, o álbum alcançou a melhor estreia da carreira de Vittar.

A sua era seguinte foi baseada numa sonoridade e estética noturna. O seu quinto álbum, “Noitada”, lançado em 2023, bem como o álbum de remixes, “After”, lançado meses depois, trouxe um contraponto com o seu álbum anterior, com uma forte presença do tecno e funk brasileiro.

Em toda sua carreira, Pablló fechou parcerias e colaborações que se tornaram icônicas, reforçando o porquê de ela ser uma das maiores *drag queens* do mundo, fato comprovado ao ter tirado da artista americana, RuPaul, o posto de *drag* mais seguida do mundo, permanecendo lá até os dias atuais. Em seus *feats*, Pablló já colaborou com a galesa Marina, em “*Man’s World*”; a japonesa Rina Sawayama, em “*Follow Me*”; e a icônica diva pop norte-americana, Lady Gaga, em “*Fun Tonight*”, no álbum de remixes “*Dawn Of Chromatica*”, além de artistas brasileiros como Emicida, MC Carol, Jup do Bairro, Anitta, Luisa Sonza, Gloria Groove, Lia Clark e outros diversos.

O batidão na perspectiva da crítica

Sabendo que no “Batidão” a Pablló consegue não apenas resgatar suas raízes, como também mostrar para o mundo o seu Brasil, as periferias do Norte e Nordeste dos anos 2000, é possível notar que isso é construído de forma coesa por Vittar e seus produtores para conversar de modo bastante fluído com a base de fãs e pessoas que acompanham sua arte, sabendo que muitos não conheciam boa parte do material, além disso também a tornar uma artista versátil por conseguir transitar entre diversos estilos que vão além do pop, como visto anteriormente quando resgatei a sua discografia.

Assim, vemos como é importante construir esse estudo por quem não só entende minimamente, como também viveu aquela realidade, como alertou o produtor Zebu (2021), ao falar que se eles, sudestinos que produziram o álbum, mas que não

viveram o que a Pablllo viveu, tivessem realizado esse trabalho sem uma orientação dela e baseado no que eles achavam desses estilos, o “Batidão” não teria sido nada tropical.

Sabendo disso, enxergamos que o “Batidão” cumpre o que promete e ajuda a contar uma pequena parte da história do Norte e Nordeste brasileiro, fazendo com que essa cultura permaneça viva através da música. Quando observamos o que três grandes veículos de circulação internacional e nacional – PopMatters, G1 e UOL – ressaltam na sua crítica do “Batidão”, vemos que isso completa o fato dele ser uma obra importante da sétima arte.

Observamos, na crítica da revista online norte-americana PopMatters um forte embasamento teórico e contextualização histórica dos ritmos presentes no álbum, ao passo que é evidenciado o fato de a Pablllo ser uma artista que trouxe luz a esses ritmos, como o próprio título da crítica sugere. Levando em consideração o fato de tamanho aprofundamento que a crítica da PopMatters trouxe, é importante frisar que ela foi escrita por Ana Clara Ribeiro, uma tocantinense que vivenciou uma parte dessa cultura do Norte e Nordeste, e que escreve para a PopMatters, uma revista de circulação internacional. Assim, mesmo a crítica tendo sido escrita por uma pessoa do Brasil, o fato dela está sendo circulada fora do nosso país, já é de grande importância não só para a Pablllo, como também para a cultura que está enraizada no álbum. No entanto, essa foi, possivelmente, a única crítica musical oficial, de circulação internacional, sobre o “Batidão”.

Inicialmente, é possível ver que Ana Clara ressalta o fato de que o Samba e a Bossa Nova são, sim, importantes para a história cultural do Brasil, mas que só eles não representam nosso vasto país. Vemos que a ideia de Ana é desmistificar o que ainda está no imaginário de muitas pessoas estrangeiras: as figuras da Carmem Miranda, Zé Carioca e afins. Ela constrói essa desmistificação quando reforça a figura da Pablllo, uma drag queen nordestina, como uma representante o não só do meio LBGQTQIAPN+, como também da cultura do norte e nordeste, enquanto contextualiza cada banda e cada música dos ritmos em questão, ao fazer um faixa a faixa do álbum, mostrando as referências que a Pablllo utilizou para construir o “Batidão”.

Na sua crítica, Ana também reforça o fato da importância da Pablllo como artista musical drag, que fez inspirar outras artistas drags brasileiras como Glória Groove, Lia Clark e Aretuza Lovi, tendo, essa última, se inspirado não só na Pablllo como também

no “Batidão”, ao ter lançado, em 2022, o álbum “Borogodó pt.1”, que traz referências ao norte e nordeste, e que também conta com regravações de músicas popularmente conhecidas nessas regiões, como “Swing Louco”.

De modo mais técnico, o jornalista Mauro Ferreira, convoca a enxergar o “Batidão Tropical”, no portal de notícias G1 – um dos mais importantes do Brasil – como uma produção eficiente, parabenizando os produtores envolvidos, ao mesmo tempo que aponta a segurança como carro-chefe do álbum. Isto é, Mauro afirma que, embora as músicas tenham sido regravadas, ganhando um up, a base da maioria delas permaneceram próximas das originais, o que de todo modo mostra que Rodrigo Gorky, um dos principais nomes que produziu o álbum, “reveste essas músicas como roupagem pop contemporânea com o cuidado de preservar a arquitetura original de hits originais como “Apaixonada” (2009), tecnomelody da Banda Batidão” (FERREIRA, 2021, G1).

Observamos que Mauro Ferreira embasa boa parte da sua crítica nas músicas originais que a Pablllo regravou, levando mais em consideração a atualização que a regravação recebeu. Assim, é perceptível que o jornalista convoca a “ler” o álbum partindo da comparação das músicas regravadas com as originais, pontuando o que foi alterado.

De forma divertida, a crítica do jornalista em cultura pop, Pedro Antunes, no portal brasileiro UOL, coloca o “Batidão” como um álbum que representa mais o Brasil do que o vira-lata caramelo, como sugere o próprio título da crítica. A partir daí, é perceptível o tom que será utilizado, visto que o vira-lata caramelo, um cachorro sem raça definida, se tornou, nos últimos anos, meme na *internet* e também um símbolo de representação do Brasil. Assim, Pedro inicia sua crítica sugerindo que o “BT” representa mais o Brasil do que “boteco com mesas na rua, mais do que corote, mais do que jogar futebol com bola feita de meia, mais do que feijão guardado em pote de sorvete [...]” (ANTUNES, 2021, UOL).

Embora seja perceptível o humor colocado na crítica, que percorre todo o texto, julgamos como ousado o que Pedro aborda, visto que muitas dessas ações citadas por ele são popularmente associadas ao nosso país e que mesmo assim ele coloca o “Batidão”, um álbum que mostra a cultura periférica do Norte e Nordeste do Brasil, numa posição tão superior quanto essas ações, sugerindo que o “BT” representa, de modo ainda mais assertivo, o nosso país.

Ao prosseguir com sua crítica, Pedro também ressalta a importância de ritmos como o forró, em que ele enxerga como um verdadeiro arremate temporal, que engloba o passado, o presente e futuro, como um “forró retrô já eletrificado dos anos 2000 somado a forró futurista e sintético.” (ANTUNES, 2021, UOL). Ao se referir à pisadinha, ele sugere chamá-la de post-pisadinha. Para exemplificar a realidade do *post-pisadinha*, Pedro relembra de nomes como Barões da Pisadinha e Zé Vaqueiro.

Dessa forma, vejo que essas três críticas combinam em alguns aspectos como a unanimidade ao ressaltar as fortes cores, como sua capa e identidade visual, no quesito estético, além da representatividade periférica e das bandeiras que a Pabllo levantou antes, durante e depois no seu quarto álbum, nas questões sociais e políticas.

Assim, mesmo com algumas discordâncias entre si, é perceptível que essas críticas cumprem seu papel de “dissecar” e “ler” o quarto álbum da Pabllo Vittar, dentro dos limites éticos de quem pratica a crítica musical, além de darem os primeiros passos para educar leitores e proporcionar uma ampla reflexão sobre o fato de ritmos como o brega, o tecnobrega e o forró serem tão brasileiros quanto o samba e a bossa nova, e tão pop quanto o que se conhece mundialmente.

No entanto, é importante explicar que mesmo com essa movimentação de tornar esses ritmos brasileiros reconhecidos através de trabalhos como o da Pabllo e de *reviews* feitos por diversos críticos especialistas em música, ainda há muito o que trabalhar para que isso de fato aconteça. Primeiramente, como brasileiros e nordestinos, temos a percepção de que esses ritmos ainda não são tão bem entendidos dentro do próprio Brasil, como observamos no relato, anteriormente citado, do produtor Zebu, em que eles, pessoas vindas de regiões como o Sudeste, não conseguiriam produzir um álbum como o “Batidão”, se não tivessem a orientação de uma pessoa que vivenciou as regiões Norte e Nordeste. Esse fato nos leva a pensar que, se dentro do Brasil ainda é difícil alcançar esse entendimento, fazer isso em países estrangeiros pode ser uma tarefa ainda mais difícil se não houver uma grande dedicação.

De acordo com as percepções de Ana Clara Ribeiro, que também uma vivência fora do Brasil, o quarto álbum da Pabllo teve uma recepção positiva por quem já consome ou conhece o trabalho da artista em outros países, mas que, aparentemente, não houve uma maior mobilização para entendê-lo e divulgá-lo, e isso pode estar ligado a diversos fatores:

[...] de fato, eu sinto que o álbum foi bem recebido por quem conhece e gosta da Pablo no exterior, mas que não houve movimentação maior para incluir isso nas pautas das revistas e sites. Se bem que, por um lado, até entendo que esses veículos tenham dificuldades de encaixar esses álbuns brasileiros, talvez por falta de críticos que tenham a expertise ou o tempo para pesquisar o suficiente para fazer esse tipo de resenha (RIBEIRO, 2023, Instagram)

Assim, Ana Clara, que tem no seu currículo a colaboração com revistas e sites, como a Rolling Stone Korea e Tenho Mais Discos que Amigos, além da própria PopMatters, sugere que essa ausência de críticas internacionais pode estar ligada não apenas ao “Batidão”, como também para outros trabalhos artísticos brasileiros, e que pode estar sendo motivado pela falta de profissionais para realizar isso ou até mesmo pela possível dificuldade que pessoas estrangeiras tem ao tentar estudar e entender a música pop brasileira.

No entanto, Ana Clara (2023), deixa ressaltado que essas são percepções pessoais baseadas na sua vivência profissional. Embora essa seja uma percepção pessoal, Ana é uma profissional que está inserida no contexto da crítica musical internacional, o que faz tornar importante o seu olhar para ser levado em consideração para a realidade desta pesquisa.

Finalizando um ciclo envolvente

Observamos que a crítica especializada do quarto álbum da Pablo Vittar, “Batidão Tropical”, revela a importância cultural e a relevância da música pop queer do Norte e Nordeste brasileiro. Assim, este trabalho resultou da pesquisa baseada nas contribuições investigativas de autores como Jeder Janotti Júnior, Bruno Nogueira, Alan Mangabeira, Thiago Soares, Matt Hills, Frédéric Martel, Vitor Oliveira, Milton José Pinto, Deleuze e Guattari. Tais contribuições ampliam o campo da comunicação e consequentemente concedem lentes de aumento para também explorar a cultura pop, que particularmente são bons condutores para a análise da crítica musical.

Como ressaltamos anteriormente, há uma crítica feita na revista norte-americana PopMatters, pela brasileira Ana Clara Ribeiro, mas que se torna, aparentemente, a única profissional a ter realizado a tarefa de se debruçar sobre o “Batidão” e escrever sua

crítica na língua do país em questão. Esse fato pode estar ligado a fatores como a falta de profissionais estrangeiros especializados ou talvez a possível dificuldade que pessoas estrangeiras encontram ao tentar “ler” algumas obras musicais brasileiras, resultando, então, em profissionais brasileiros fazerem esse trabalho.

Assim, levando isso em consideração, enxergamos lados positivos, como a) a preservação da autenticidade cultural, por não permitir que influências estrangeiras imponha padrões externos, e b) o reconhecimento interno, por haver uma maior possibilidade de reconhecimento mais significativo dentro do próprio Brasil. No entanto, também enxergamos lados negativos com esse fato, como a) a limitação de alcance internacional, por não haver profissionais nativos desses países que se dediquem a entender e escrever sobre a obra; b) a barreira para a exportação musical, pela ausência do possível interesse de críticos estrangeiros, pode trazer dificuldades ao ser tentado comercializar esses ritmos, e c) a estereotipação e incompreensão, com base na visão superficial ou preconceituosa e que não reflete a riqueza e diversidade presente na obra, que também pode estar ligada à falta de profissionais estrangeiros envolvidos no estudo e escrita da crítica musical.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Pedro. Disco da Pablllo representa mais o Brasil do que o vira-lata caramelo. **UOL**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/pedro-antunes/2021/06/25/disco-da-pablllo-representa-mais-o-brasil-do-que-o-vira-lata-caramelo.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997

FERREIRA, Mauro. Pablllo Vittar aposta na segurança ao revitalizar o tecnobrega no coeso álbum ‘Batidão Tropical’. **G1**. 25 jun. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/06/25/pablllo-vittar-aposta-na-seguranca-ao-revitalizar-o-tecnobrega-no-coeso-album-batidao-tropical.ghtml>>. Acesso. 20 mai. 2023.

FLORES, Felipe. A noite da diva: na balada com Pablllo Vittar. **Vice**. 02 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/bj45bz/a-noite-da-diva-na-balada-com-pablllo-vittar>>. Acesso em 03 mai. 2023.

GOES, Tony. Pablló Vittar faz política mesmo cantando sobre amor e festa. **Folha de São Paulo**. 05 out. 2018. Disponível em: <<https://archive.is/69nDZ#selection-1303.0-1303.60>>. Acesso em: 05 mai. 2023

HILLS, Matt; GRECO, Clarice. O *fandom* como objeto e os objetos do *fandom*. **MATRIZES**. [S. l.], v. 9, n. 1, p. 147-163, 2015. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v9i1p147-163. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/100678>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

JENKINS, Henry. **Fans, bloggers, and gamers: exploring participatory culture**. Nova Iorque e Londres: New York University Press, 2006.

JUNIOR, Jeder Janotti; NOGUEIRA, Bruno Pedrosa. **UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES: Crítica e jornalismo musical em tempos de internet**. Rio de Janeiro, 2010.

MARTEL, Frédéric. **MAINSTREAM: A guerra global das mídias e das culturas**. Rio de Janeiro, 2012.

MASCARENHAS, Alan Mangabeira; SOARES, Thiago. **Estética do Fandom: experiência e performance na música pop**. 2015.

MASCARENHAS, Alan Mangabeira. **Fãs e a Máquina de Guerra: experiências nômades na música pop**. 2017

NUNES, Caian. Com parcerias estratégicas, Pablló Vittar volta a crescer no Spotify e recupera sua coroa de drag queen mais ouvida. **Portal Pop Line**. 27 jun. 2019. Disponível em: <<https://portalphonline.com.br/com-parcerias-estrategicas-pablló-vittar-volta-a-crescer-no-spotify-e-recupera-sua-coroa-de-drag-queen-mais-ouvida/>>. Acesso em: 12 mai 2022.

OLIVEIRA, Hellen. Pablló Vittar ultrapassa Rupaul e se torna a drag queen mais premiada da história. **UpDatePop**. 12 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.updatepop.com/pablló-vittar-ultrapassa-rupaul-e-se-torna-a-drag-queen-mais-premiada-da-historia/>>. Acesso em: 02 nov. 2022

ORTEGA, Rodrigo. Lady Gaga no arrocha: remix com Pablló Vittar tem som ‘100% Brasil’ e sanfoneiro de ‘Ai se eu te pego’. **G1**. 03 set. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/09/03/lady-gaga-no-arrocha-remix-com-pablló-vittar-tem-som-100percent-brasil-e-sanfoneiro-de-ai-se-eu-te-pego.ghtml>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

PABLLÓ VITTAR ESTREIA TODAS AS FAIXAS DO “BATIDÃO TROPICAL” NO TOP 50 DO SPOTIFY BRASIL. **Portal Pop Mais**. 26 jun. 2021. Disponível em: <<https://portalphpopmais.com.br/pablló-vittar-batidao-tropical-top-50-spotify-brasil/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

PABLO VITTAR. I am Pablo, 2021. Release. Disponível em: <<https://www.pablovittar.com.br/>>. Acesso em: 11 mai. 2022.

PABLO VITTAR VOLTA ÀS ORIGENS EM ÁLBUM DE FORRÓ ‘BATIDÃO TROPICAL’. **Estadão**. 25 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/pablo-vittar-volta-as-origens-em-album-de-forro-batidao-tropical/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

PINTO, Milton José. **COMUNICAÇÃO E DISCURSO**. São Paulo, 1999.

“QUERIA AGRADECER A QUEM ACREDITOU NUMA CRIANÇA VIADA NORDESTINA”, DIZ PABLO VITTAR. **IstoÉ**. 03 dez. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/queria-agradecer-em-quem-acreditou-numa-crianca-viada-nordestina-diz-pablo-vittar/>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

RIBEIRO, Ana Clara. Pablo Vittar Shines Light On Brega Music With ‘batidão Tropical’. **PopMatters**. 15. jul. 2021. Disponível em <<https://www.popmatters.com/pablo-vittar-batidao-tropical-review>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROCHA, Leonardo. Pablo Vittar tem a melhor estreia da carreira com “Batidão Tropical”. **Popline**. 25 jun. 2021. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/pablo-vittar-tem-a-melhor-estrela-da-carreira-com-batidao-tropical/>> Acesso em: 21 jun. 2022.

SARMENTO, Gabriela. 'Batidão Tropical' da Pablo Vittar, o guia: Produtores comentam faixa a faixa com detalhes dos bastidores. **G1**. 05 jul. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/07/05/batidao-tropical-da-pablo-vittar-o-guia-produtores-comentam-faixa-a-faixa-com-detalhes-dos-bastidores.ghtml>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

SARMENTO, Gabriela. Pablo Vittar exalta tecnobrega e forró em ‘Batidão Tropical’: ‘É a minha vida ali em música’. **G1**. 25 jun. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/06/25/pablo-vittar-exalta-tecnobrega-e-forro-em-batidao-tropical-e-a-minha-vida-ali-em-musica.ghtml>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

SOARES, Thiago. **ABORDAGENS TEÓRICAS PARA ESTUDOS SOBRE CULTURA POP**. 2012

STOCKFELT, Ola. Adequate Modes of Listening. In: COX, Christoph; WARNER, Daniel. **Audio Culture: readings in modern music**. New York/London: Continuum, 2006.